

# *Quem é o Brasil* O Brasil real

A miopia de alguns e a má-fé de muitos costumam, no Brasil, enxergar cenários catastróficos e disseminar pessimismos, ainda quando em torno há sinais estimulantes, evidências sobre a atenuação da crise. Na ausência de abordagens sistêmicas ao universo dos fatos sociais, para a elaboração de diagnósticos confiáveis, cabeças mais afoitas arrancam a superfície da realidade e dela extraem estatísticas alarmantes. Criam-se, assim, elementos de convicção frustrantes, perniciosos aos esforços de reabilitação política, econômica e social.

Depois que a Fundação Instituto de Geografia e Estatística revelou a existência no País de 32 milhões de pessoas em grau extremo de penúria, não falta, a cada instante, quem se sirva dos dados para lançar sombrias previsões sobre o futuro imediato. Contudo, levantamentos mais convincentes testemunham evolução gratificante de diversos indicadores sociais. Os órgãos das Nações Unidas encarregados de pesquisar as condições de sobrevivência em todo o mundo atestam, por exemplo, que os índices de mortalidade infantil no Brasil caíram em torno de dez por cento nos últimos três anos. Registrou-se idêntico percentual na expectativa de vida, em sentido positivo.

Ora, não se conseguem redução da mortalidade infantil e aumento das expectativas de vida senão mediante taxas razoáveis de melhoria nos padrões sociais de sobrevivência. E a conquista de semelhantes estágios supõe elevação no desempenho da economia e aperfeiçoamento dos mecanismos de distribuição da renda. Dão suporte aos efeitos aqui mencionados os estudos agora publicados pela Cepal, Comissão Econômica para a América Latina das Nações Unidas.

De fato, ao crescer 4,5 por cento neste ano, conforme dados insuspeitos da Cepal, o Brasil gerou os pressupostos econômicos hábeis a mudanças expressivas

na qualidade de vida e à incorporação ao mercado de estratos apreciáveis da população marginalizada. Desde 1986, quando a intensidade da recessão mostrou o seu perfil mais perverso, o Produto Interno Bruto jamais se expandira nas dimensões captadas pelo órgão especializado das Nações Unidas.

Anima saber, também, ainda de acordo com a análise da Cepal, que o desempenho do PIB brasileiro influenciou, de forma categórica, o crescimento global da economia latino-americana para os atuais 3,2 por cento. Trata-se de acontecimento a todos os títulos relevante. Cuidava-se que eventual expansão das atividades produtivas na América Latina poderia ocorrer em função de países como o México, a Argentina e o Chile, vistos pela ótica dos pessimistas como as nações mais bem estruturadas para comandar o alargamento das taxas de crescimento. Todavia, mais uma vez coube ao Brasil liderar o processo de enriquecimento no subcontinente, com inequívoca demonstração de sua pujança econômica.

É evidente que os resultados anotados pela Cepal não satisfazem, de maneira conclusiva, aos anseios do povo brasileiro. Com uma taxa de inflação anual de dois mil 250 por cento, o Brasil necessita recorrer a medidas dolorosas para acabar com a desordem na sua economia, mas, em razão disso, universalizam-se sacrifícios intensos às classes assalariadas. Não obstante, para um país que consegue conviver com graves adversidades do gênero e reverter o quadro depressivo da recessão, a conquista da estabilidade é apenas uma questão de obstinação e tempo. Por sinal, salvo em relação ao agravamento das incidências tributárias, o Congresso tem à mão um plano apto a normalizar a vida econômica, dentro do qual são fundamentais a eliminação do déficit público e a retirada completa do Estado dos domínios da iniciativa privada.